

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOÃO DE SOUSA *

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARÃES *

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)
Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

EM SETUBAL

O Centenario de Bocage—Ornamentações—Sessão solemne da entrega do Estandarte á Associação—Certejo civico—Notas diversas

Setubal acaba de celebrar o centenario do mais eminente poeta que, na vida, se chamou Manoel Maria Barbosa du Bocage, e, por este facto, sente-se orgulhosamente envaidecida por saber ter rendido homenagem a um seu filho que muito a nobilita e que foi, n'aquella época, o poeta inconfundivel; e ainda mais: um patriota da mais rija tempera.

Um dos primeiros poetas do seu tempo, Bocage foi incomparavel no soneto e sem precedente no repentismo, foi um bohemio, sempre martyrisado pela oppressão do fanatismo, que então tinha sua acção n'este triste Portugal.

Descendente de familias que possuíam alguns bens de fortuna, foi morrer em Lisboa, n'uma casa pobre, coberto de fome, tendo como ultima consolação, á cabeceira do leito, sua irmã Maria, que sempre o acompanhára nos seus crueis tormentos.

Por isso, o população de Setubal agradece penhoradissima á grande commissão Bocageana, a fórma como organisou todas as festas, porque para memorar um nome por todos os titulos glorioso, não se poupou a esforços para que os festejos em honra de Bocage, tivessem o melhor brilho possivel, como tiveram.

Ornamentações da nossa Associação

Eram de um effeito magnifico as ornamentações da nossa Associação de classe, pelo gosto fino e artistico como estavam decoradas todas as suas salas. Para que se dê uma pallida ideia das ornamentações, vou passar a desenvolver algumas notas que pude tomar.

Ao entrar, na porta principal do edificio, deparava-se, ao lado direito, com um pequeno mas bonito jardim, coberto de flores naturaes e vasos de palmeiras, tão bem matisadas, que pareciam collocadas por mãos de artista; a seguir, entrava-se na escada, destacando-se de ambos os lados bonitos vasos de diversas plantas. As paredes eram decoradas com hera, tendo ao meio da escada uma passadeira que media

aproximadamente dez metros. Ao fundo destacava-se um trophéu com o seguinte dizer: *Primeiro centenario de Bocage.*

A primeira sala era ornamentada com era e flores artificiaes, tendo pendurados pelas paredes bonitos quadros.

A segunda, onde está installada a bibliotheca, estava tambem bem ornamentada, vendo-se diversos quadros, entre elles os de Marquez de Pombal e João de Deus,

A sala principal, que é a das sessões, estava uma magnifica obra de artista. Nas paredes viam-se riquissimas colgaduras de seda e reposteiros tambem de seda; aos cantos da sala havia tropheus com sonetos de *Elmano*; ao lado direito da sala, duas figuras representando o commercio e a industria, e ao meio d'estas figuras, duas jarras e nas paredes os retratos de Bocage, Almeida Garrett, Alberto Nazareth, Paulino d'Oliveira, Joaquim Brandão, e a meza presidencial achava-se sobre um pequeno estrado.

Aqui está, pois, do que pude tomar nota relativamente ás ornamentações da nossa Associação, que devemos aos nossos prezados collegas Thobias, Jacintho, Borges e Valladas, e mais alguns que coadjuvaram estes n'esse trabalho.

Sessão solemne

Teve lugar no dia 17, pelas 8 e meia horas, a sessão solemne para a entrega d'um estandarte com que uma commissão de socios dotou a nossa collectividade.

Antes da hora marcada, já um grande numero de socios e convidados, entre elles patrões e damas, quasi enchia a sala.

Pelas 8 e meia deram entrada na sala os srs. drs. Zeferino Candido, e Belbarmino d'Abreu e o collega lisboneuse Raul Pires, que foram recebidos pela assistencia com aclamações entusiasticas. O collega Joaquim Brandão, subindo ao estrado, abre a sessão e convida o collega José Agostinho Paulo, a fazer a entrega do estandarte.

Este colloca, levanta-se e n'um

breve discurso, diz sentir-se profundamente commovido com aquella festa; diz ser incumbido d'uma missão para elle muito espinhosa,—a de entregar á Associação um riquissimo estandarte, que depõe nas mãos do presidente com a maior satisfação, e pede a todos os caixeiros que se unam e se cubram com a mesma bandeira, para a reclamação das nossos direitos. Muitos applausos.

Fala o collega

Joaquim Brandão

Diz que a sua palavra é insufficiente para fazer um discurso bem burilado, por isso pede licença para o lèr; e lendo o seu brilhante discurso, que foi ouvido com satisfação e recortado por entusiasticas aclamações, provou mais uma vez o collega Brandão os seus dotes de intelligencia e amor pela Associação, e bem assim, agradecendo ás nobilissimas damas que concorreram com donativos para a execução do mesmo estandarte.

Terminado o seu discurso, o collega convida o sr. dr. Zeferino Candido a presidir á sessão, sendo n'este momento este cavalheiro aclamado com enthusiasmo.

Assumindo o logar de presidente, convidou para secretarios os srs. drs. Bellarmino d'Abreu e Raul Pires

Tem a palavra o sr. dr.

Zeferino Candido

S ex.º fez um brilhante discurso, apresentando diversas considerações que foram muito apreciadas, o qual durou hora e meia; terminando por pedir a todos os caixeiros que se unam e que trabalhem todos debaixo d'um só ponto de vista, que é lutar pelo descanso dominical a que teem direito.

Foi muito applaudido.

Tem a palavra o sr.

Dr. Bellarmino d'Abreu

Fez um discurso, notavel elogiando as mãos femininas que bordaram aquelle estandarte, que é uma obra artistica, e pede a todos os caixeiros que amem o estandarte porque n'elle está o

seu futuro, e pede para que se unam todos os caixeiros e que, todos unidos, reclamam de cabeça erguida aquillo que de direito lhes pertence, que é a liberdade. (Foi phreneticamente applaudido).

Tem a palavra o collega

Raul Pires

Vem representar a Associação dos Caixeiros Portuguezas tendo sido especialmente convidado para assistir a esta festa. Sente uma alegria indefinida por estar entre os collegas Setubalenses, por quem tem uma grande symqathia; diz o orador que assistir a uma festa dos caixeiros, é a assistir a uma festa sua.

Diz o orador que os nossos governos teem empregado todos os esforços para combater a tuberculose, mas ainda não descobriram a origem d'ella; mas que olhem para essas casas commerciaes, e verão que está alli, algumas das vezes. E' n'essas casas infectas, sem ar e sem luz, que os pobres caixeiros que n'ellas se veem encerrados, sem terem ao menos um dia para respirarem livremente. Se se quer combater mais facilmente esse terrivel mal, decrete-se uma lei que estabeleça o Descanso Dominical.

Depois o collega refere ao movimento que os collegas Setubalenses teem entre mãos, cujo fim facilmente se tornará em facto, e diz que a Associação tem progredido muito por ter á frente d'ella homens como Joaquim Bandão, Luiz Lopes de Oliveira e José Agostinho Paulo, tres collegas que trabalham constantemente para o engrandecimento d'esta Associação, podendo afirmar que os caixeiros de Setubal caminham na vanguarda do progresso social.

Iferindo-se ao estandarte, diz que assim como nós juramos defender a patria e a bandeira d'ella, assim nós caixeiros, saberemos defender a nossa bandeira, até que as nossas reclamações sejam attendidas. (Foi muito applaudido).

Antes de encerrar-se a sessão, o collega Brandão recita uma

poesia do nosso consocio Paulino d'Oliveira, que actualmente está enfermo.

O collega Brandão deu um viva á liberdade, sendo muito correspondido.

A sessão terminou pelas 11 horas da noite, no meio das maiores aclamações e vivas,

O Estandarte

E' de seda azul e branco, tem do lado o brazão da cidade, cercado de louros bordados a ouro fino; e, do outro lado, o emblema do commercio com a legenda da Associação, desenhado artisticamente pelo sr. Francisco Augusto Flamengo.

Foi bordado pelas irmãs do Asylo da Infancia Desvalida, e é um trabalho artistico de muito valor, pelo que tem sido admirado por inumeras pessoas que o tem visto.

Podemos dizer afontamente, que é o melhor estandarte que ha em Setubal.

Cortejo civico

Pelas 10 horas da manhã do dia 21, já grande numero de socios que se achavam na Associação se preparavam para se incorporarem no cortejo. Antes da saída, houve alguns discursos, que terminaram por se levantarvivas á Associação, ao estandarte e a alguns dos vultos mais proeminentes da nossa Associação, que foram muito correspondidos.

Por alviter d'alguns collegas, foi convidada a sociedade para nos acompanhar ao recinto onde devia formar-se o cortejo. Ahi chegados e após alguns minutos, chegou uma philharmonica com o seu estandarte, ouvindo-se n'essa occasião muitos vivas a ambas as Associações. Depois dos cumprimentos do estylo, pozemo-nos em marcha. A' frente, o nosso estandarte, seguindo-se um grupo de socios, a seguir ia a philharmonica executando o hymno *preito a Bocage*, seguindo-se pelas ruas das Esteiras, Luiz Camões, Praça do Bocage, Largo das Almas, e Praça de Jesus, d'onde saiu o cortejo, que foi organizado pela fôrma seguinte:

Abria o cortejo uma força de cavallaria 5, sob o commando do alferes sr. Antonio Limas; seguia-se infantaria 11, os alumnos da Escola Liberal, Lyceu Particular e escolas de S. Sebastião, levando todos, ao peito, laços de fita azul e branca. Depois tomou logar a academia de Setubal com a tuna, e os representantes do Lyceu d'Evora, a Associação Maritima com o seu carro allegorico, a philharmonica de Palmella, a Associação dos corticeiros, a Associação dos trabalhadores, a Associação dos Soccorros Mutuos Setubalense, os typographos da casa Mascarenhas e a Associação maritima dos conductores do sal, o grupo Rossini conduzindo o estandarte, a Associação das classes laboriosas, a Associação de Classe dos Empregados no Commercio com elevado numero de socios, conduzindo o estandarte o collega Thobias Leocadio Xavier; seguia-se a philharmonica Capricho, com o seu estandar-

te. Depois, o carro allegorico dos Empregados no Commercio, que eneimava por um *mercurio* dourado, collocado sobre o globo. No leito viam-se saccas de farinhas, latas de bolachas, peças de panno, etc.

Grupo Musical Setubalense, Club Tiro-Tauro, o carro do syndicato das Conservas, sociedade União e bombeiros voluntarios, fechando o cortejo a banda d'infanteria 11.

Depois do descerramento da lyra no monumento de Bocage, na Praça, a sociedade Capricho acompanhou-nos á nossa sede, levantando-se n'essa occasião vivas á phylharmonica e á sociedade, agradecendo-se ao director da banda a gentileza de nos acompanhar á sede social.

Notas diversas

Durante os tres dias de festa as salas da nossa Associação estiveram expostas ao publico, não se podendo calcular as pessoas que alli foram.

—O estandarte esteve em exposição, pelo que foi alvo das maiores admirações, pelo seu trabalho artistico e fino gosto com que acha desenhado.

—Tem estado de cama os nossos collegas Leonardo dos Santos Borges e Manoel Carqueijeiro.

Faço votos pelo seu rapido restabelecimento.

—Durante toda a festa não houve cousa alguma digna de registrar.

23-12-1905.

J. L. Cavaco.

A' «Voz do Caixeiro»

Por não queremos perder tempo com assumptos que estão completamente fóra da nossa orientação jornalística—que é ser sinceros e leaes defensores da classe que humildemente representamos, — vamos, por nossa parte, responder ás *Farpas* de Apo, incertas em um dos numeros passados da «A Voz do Caixeiro», com o seguinte:

«Compreendam o seu dever, senhores, nada de poucas vergonhas, tenham um só objectivo — defender a classe e instruil-a' isso, e nada mais.»

«Quem tem telhados de vidro...»

Estes conselhos foram-nos remettidos pelo periodico acima, e nós, tendo-lhe respondido convenientemente, voltamos a retribuir-lhos, porque sabemos, felizmente, cumprir os deveres que a nossa qualidade de leaes e sinceros defensores da classe nos impõem.

Boas festas

Aos nossos presadissimos collegas da imprensa, collaboradores, correspondentes e assignantes, envia *A Fraternidade* o seu cartão de *Boas-festas*, desejando um anno feliz: — e retribue os desejos manifestados no grande numero de cartões que de diversas pessoas recebeu. Desejando a todos muitas felicidades.

Quem tem telhados de vidro...

No ultimo numero da «Voz do Caixeiro» vem um sr. Apo dizer que a biographia de João Corrêa, aqui publicada, está cheia de inexactidões, porque aquelle nosso collega é simplesmente um *bucalhoeiro* emerito.

Eu não sei quem foi o biographo e não conheço o biographado, mas causou-me um certo nojo vêr a reincidencia d'um jornal em atirar pedras ao telhado d'um visinho, que embora mais modesto, não rasteja pelo rez do chão da incidia e do impudor. «A Voz do caixeiro» que a par de justas homenagens tem empregado parte do seu tempo a encher de palha o jornal de tantos anonymos, não tem auctoridade, absolutamente nenhuma, para nas suas columnas denegrir a personalidade de qualquer collega.

Chega mesmo a causar nauseas a fôrna *pedantesca* como o Apo muito empavonado de mediocridade chama *bucalhoeiro* a quem por essa mesma qualidade, me está parecendo mais intelligente e honrado. Estou mesmo em apostar que o é.

E' o caso de certos imbecis que, pelo facto de ostentarem uma camelia ou uma violeta, onde outros ostentam uma nodoa de manteiga, julgam-se uns Reis e tratam por isso os outros como seus infimos vassallos. Realmente são Reis... da maldureza.

Ainda em um dos ultimos numeros da «Voz» o nosso collega Vero presta uma justa homenagem a Deolindo Amaral e a proposito d'ella, contaram-nos o seguinte:

Feito o artigo e enviado para a redacção da «Voz», o supremo arbitro convidou o auctor a refundir um periodo seu que dizia, que tendo-lhe Deolindo pedido a biographia de um pedante do Porto, elle se recusara a isso, pelo facto de entender que tal personagem nunca tinha feito coisa alguma em proveito da classe.

Pois como Vero se recusasse a isso, e tendo feito a expressa recommendação de não lhe cortarem coisa alguma, o erudito mentor da «Voz» a tudo mandou dizer que sim, e o artigo appareceu todo estropiado e a corda sensível que o ferira, arrancada. Quer dizer: brevemente apparece na «Voz» o retrato do tal pedante, que por signal é de Sautho Thyrso, acompanhado de toda a adjectivação pomposa. Pelo menos já possuem a chapa marca para fim.

Ora agora, digam-me se é correcto andar a «Voz» a dar beliscões em quem tem tido o bom senso de se não metter com ella, e tendo, como tem, tão frageis telhas no seu telhado.

E basta.

Taliás.

«O Commercio da Povoia de Varzim»

Completo mais um anno de existencia este nosso brilhante collega, a quem endereçamos as nossas cordeaes felicitações.

A abertura d.s Grandes Armazens de Aurelio Ramos

Causou, effectivamente, grande successo em Barcellos, a abertura, no dia 21 d'este mez, dos *Grandes Armazens* de Aurelio Ramos, que, sem duvida e sem receio de se falar erradamente, são o mais bem montado e mais chic estabelecimento da provincia e o *unico* que, no seu genero, se encontra no paiz.

Não se poupou o sr. Aurelio Ramos aos sacrificios e arrojos a que, com todo o entusiasmo e vontade inexcediveis metteu hombros, porque realmente o seu novo estabelecimento achase montado de fôrma a merecer a admiração de todas as pessoas que o visitam e que se não cansam de dirigir os seus louvores ao sr. Aurelio Ramos, quer pelo lindissimo effeito da arnação, como pelo enormissimo sortido de fazendas que nos seus *Grandes Armazens* se encontra.

E o publico, reconhecendo isso, accudiu, em grande massa, no dia da abertura, a visitar a importante casa commercial, effectuando abi as suas compras em condições taes, que hoje todos se convencem de que a abertura dos *Grandes Armazens de Fazendas* de Aurelio Ramos foi um bem para o povo de Barcellos e seu concelho, porque pôde comprar todas as fazendas em condições muitissimo mais vantajosas do que em qualquer casa do Porto.

Regosija-nos o facto, recommendando ao publico a nova importante casa, cujo sortido é colossal e de uma variedade infinita.

*

Na ultima segunda-feira, 25, nova surpresa causou n'esta villa a lindissima, altrahente e bem disposta exposição nos *Grandes Armazens de Fazendas* de Aurelio Ramos.

Em todo o soalho, em volta do balcão, fez se uma exposição de artigos de novidade cujo effeito, de fóra, era surprehendente.

As fazendas artisticamente dispostas e em côres combinadas, realçavam muitissimo a sua belleza, pelo que, ás portas do estabelecimento, affluir o povo em grandes grupos, julgando-nos nós em outra terra que não Barcellos, porque nunca aqui se fez, em casa alguma, d'estas exposições — nem talvez o Porto tenha estabelecimentos commerciaes onde se haja feito exposições tão completas.

Os nossos louvores, por tudo; e as nossas felicitações ao sr. Aurelio Ramos pelo feliz exito dos trabalhos denodados, perante os quaes nunca sentiu um momento de hesitação, e ao publico por ter hoje uma casa que, por completo, satisfaz todas as necessidades.

«A Propaganda»

Tambem completou o terceiro anno de publicação, pelo que lhe enviamos felicitações, o bem redigido semanario que com o titulo acima se publica na Povoia de Varzim.

A LEI E O ACCORDO

Quando em o anno passado se falava n'uma lei do Estado como expediente unico para resolver radicalmente a fórma de se alcançarem as regalias que usufruirmos, riam uns chimericos da facilidade da nossa ousadia. Nos annos anteriores igualmente o fizemos, com algum incremento. Aos representantes do povo se levou o nosso appello, d'elles alcançamos muitas palavras de louvor e não menos promettimentos de coadjuvação recebemos de s. ex.^{as} que se promplificaram a advogar a nossa causa no Parlamento e pedirem que uma lei do Estado resolvesse o assumpto favoravelmente.

Dizia-se então, e ainda hoje se ouve aos nossos superiores, que era uma utopia o nosso vêr e genuinamente rebelde o ultimo esforço empregado, e que o estabelecimento d'essa lei, que julgamos nós de moralidade, seria em sua consciencia das ultimas violencias a tolher a liberdade individual e especial do commercio. Espalhou-se o dito d'um a outro extremo em que começa e termina a influencia dos patrões, para que desde o primeiro e mais elevado, até ao ultimo e de mais infima representação commercial, corresse o desprezo pela nossa causa e a revolta pela supposta violencia. Estes transmittiam áquelles o seu modo de vêr e os outros, corrigindo ou augmentando em odio passavam, parece como que preparando uma guerra de exterminio, pois o mesmo pensar de concordancia requisi-tava a unificação de forças para a resistencia.

Os caixeiros de hontem e de mais tempo eram o que ainda hoje são, pensam estes como pensavam os precedentes; não abandonam a antiga ideia como tampouco não aceitam como se apresenta insolitamente a outra chamada de mais razoavel. Des-crêem.

Durante annos successivos pediu-se aos patrões que dessem aos seus auxiliares um determinado tempo de folga nos domingos e dias sanctificados. Parece-me que foi ahí por 1888 até 1893, se me não apagou a lembrança, que a exigencia se limitava a tanto.

Na primeira data appareceu-nos, como que o sol d'abril, sobre rozas campezinhas, viçosas, á superficie da terra fresca, que pelas manhãs se suavizam com a affabilidade d'uma neblina encantadora, continuando a visita material de conforto, a ingenua e vaga lembrança de emancipação. Creou-se com a madureza de uns dias, fortificou-se com a maternidade dos entes amigos e sequiosos, elevou-se e creou crentes á roda da sua pureza; sacudiu-se fortemente, despertando do atrazo largo para vir dizer-nos quão completo de igualdade e alcance era o seu programma.

Deu-nos o seu baptismo de liberalidade, inculiu-nos espe-

rança de vingarem os raios da sua magnificencia.

Assim, dominados pela fé na pura e auspiciosa liberdade, temos lançado o clamor de justiça a uns e outros, primeiramente aos nossos chefes, mais tarde aos nossos governos.

Sendo embora os commerciantes de futuro, sobretudo defensores acerrimos do direito, do dever, da confraternidade, e n'esse caso o soldado sempre áleria para manutenção de integridade da sua pureza, nós manteremos os principios formados desde os ultimos momentos de desalento na defesa do partido de alliança ao moderadismo dos superiores, largamos a tactica por devermos ser arbitros para uma força dos poderes.

Convençamo-nos que só com o braço estendido na lei do direito poderemos dizer á universal liberdade: Chegou emfim, querida mãe dos humildes, sol risonho dos pobres, luz da sciencia o momento de usufruirmos o dominio da nova que ditaste e de te reveres na obra que sonhaste de emancipação e cordialidade de classes.

Tivemos a bastante independencia para que possamos chamar-nos felizes, mas usando da protecção da força; o nosso direito humilde foi-nos forçoso recolher por inutil no embate de poucos pensares bons com muitos manifestamente retrogados.

Agradecemos-te lacrimosos e piedosamente a felicidade que nos deste.

Agora, juntos, não olvidemos quem velou por nós e em horas de desalento nos confortava, agradeçamos a quem nos fez encontrar n'este paraizo e lancemos uma exclamação de maldição aos injustos ou vendados de entendimento.

E' nosso dever manter-nos fieis a que só da lei virá o triumpho, pois que desde que nos convencemos que a razão de um direito não tem tempo de demora em cerebros que o ignoram ou o não cumprem, escusado é esperar da maioria dos nossos superiores qualquer magnanimidade.

Se nos derem o que poderamos alcançar por outras vias, é nol-o mais agradavel, mas é forçoso que razões haja a convencer-nos. Aceitamos abertamente e do coração em primeiro a sua resolução de anuencia desde que nol-a dêem.

Embora peçamos o auxilio do Poder, reservamo-nos de dizer o que entendemos sobre essa força; todavia calamo-nos por ser necessario, quando é forçoso oppor-se a uma violencia, empregam-se em troca, não outra violencia como no nosso caso, mas uma imposição capaz de fertilidade.

F. C.

Enganar! Enganar sempre de forma que o engano produza o desejado fim: eis a politica.

Machiavel.

1640

Faz precisamente hoje 265 que um punhado de heroes portuguezes, n'um ousado esforço de arrojada iniciativa e inexcedivel patriotismo, libertou a patria do flagello Castelhana. E' para nós, na primavera da vida, novos na luta de reivindicção, cheios de fé, motivo de intenso jubilo lembrar esta data solemniissima—a pagina mais brilhante da nossa historia patria, que o paiz inteiro commemora como civica demonstração do seu passado culminante e grandioso.

Se em todos os tempos, as manifestações da vida humana, qualquer que seja a sua origem, por mais obscura, exprimem e revelam no intimo da sua grandeza, factos memoraveis que cumpre assignalar, se este principio é uma inspiração natural e legitima que todos os povos perfilham em glorificar os vultos veneraveis que se salientam pela sua coragem e heroismo, esta que hoje perpetua a alma portugueza, vibrante de emoção, destaca-se justissimamente pelo religioso preito que consagra aos inerqueciveis obreiros da gloriosa jornada de 1640. Eximirmo-nos d'esta homenagem posthuma, que tem a concretisação unanime dos tempos, no decorrer dos seculos, seria olvidar a sagração espontanea que germinou no espirito de todos, através de todas as phases; occultar este feito heroico e gigantesco do passado as gerações vindouras, seria ridicularisar o nosso brio, com deprimento da nossa propria consciencia.

Foram 60 annos de invasão e foi n'esse periodo agonisante que ella nos dominou; o nosso pretigio e a nossa soberania de povo livre, que haviam tomado incomparavel incremento no caminho da civilisação, pareciam sasso brar no mar doloroso da oppressão e da descrença; reinava a anarchia: tudo era cahos e escuridão; o nosso organismo de fortes, indomavel, occultando os feitos grandiosos que nos envaidecem, soffria dolentemente o asqueroso despotismo, posto traço-eiramente em scena sob o cunho do desnaturado Miguel de Vasconcellos.

Como unico deqsagravo á affronta imposta pela traição do portuguez renegado, impunha-se o renascimento do enextinguivel Portugal, depois d'um periodo de agitação torturante e insidiosa; era necessario avivar em nós novamente a crença, insufflada pelo facho luminoso da liberdade e pela luz radiante do progresso, no proseguimento aventureiro da conquista do futuro; era preciso continuar o exemplo insinuante e clarissimo dos vates formidaveis das batalhas agueridas, que são o nosso orgulho e assombro.

Postos de parte obstaculos

que surgiram na propagação da ideia, esta germinou por toda a parte; era chegado finalmente o momento decisivo: morrer pelo direito da força, ou triumphar pela força do direito.

O medo e a covardia que se apoderaram de nós em momentos de irreflexão, eram repellidos impetuosamente na madrugada do dia 1.º de dezembro de 1640; o sentimento popular despertára do immensuravel lethargo que o escravizava, ao som festivo da sua emancipação; e quem diria que esta apothose trazia na sua marcha accelerada um punhado de batalhadores eméritos, que correram impiedosamente o inimigo audaz e persistente—o vasto colosso de Castelhanos—restaurando a nossa autonomia e proclamando a nossa independencia?

A mocidade academica, interpretando o sentir da nação portugueza, confraternisa em todo o paiz o grande acontecimento do monumento historico, com expressivas demonstrações da mais lidima sympathia.

Nós, que tambem compartilhamos do quente entusiasmo d'esse conjuncto brioso de futuras esperanças, saudamos freneticamente a data memoravel que hoje assignalamos.

Salvè, pois, heroes de 1640! Belem (Pará), 1—12—05.

Antonio José d'Oliveira.

Associação dos E. no Commercio

Eleição

Realizou-se, no dia 17 do mez passado, a assembleia geral ordinaria d'aquella associação. Entre outros assumptos de caracter particular e que brevemente serão do dominio publico, fez-se a eleição dos corpos gerentes, que deu o resultado seguinte:

Assembleia Geral—Presidente, Domingos de Figueiredo; vice, João C. C. da Cruz; secretario, Avelino Martins; vice, Francisco P. Martins.

Conselho Fiscal — Presidente, Aurelio Ramos; secretario, Manoel Maciel; vogal, Humberto Gonçalves. Substitutos: Albino Gomes da Cruz, Candido Martins e Antonio J. Ferreira.

Direcção — Presidente, João Fernandes Corrêa; vice, João de Lima; secretario, Francisco Guimarães; vice, Agostinho Pires, vogaes, João Miranda, Alberto L. do Carmo e Joaquim Alves Brandão. Substitutos; Adelinio Gomes Torres, Antonio Manoel de Araujo e Antonio Pereira Martins.

Atrazo

Por motivo das festas do Natal e ainda por ter voltado a compôr-se na typographia Minerva, de Famacão, sae o presente numero um pouco fóra do dia da sua publicação, do que de certo nos desculparão os seus leitores.

Ninguém compre ao domingo

O compromisso das chapelarias rasgado! — O prestigio do commercio e as tradições liberaes do Porto exigem a lei do descanso dominical.

Com o ultimo numero de «A Luz do Commercio», nosso brilhante collega portuense, recebemos o seguinte manifesto, que foi distribuido no Porto:

«A honra, o brio e a dignidade do commercio não podem nem devem estar á mercê d'uma minoria d'individuos sem escrupulos nem consciencia, movidos apenas pelo egoismo e pela ganancia.

D'estes individuos basta um em cada ramo de commercio para que a mais bella conquista da civilização e do progresso como seja a liberdade d'um dia por semana, seja abolida, calcada e esmada.

Antigamente a palavra de honra, as barbas, uma gravata ao pescoço e outras convenções sociaes, que a sociedade consagrava como symbolos da dignidade, eram o penhor sufficiente da seriedade dos homens; hoje nem mesmo a a sua assignatura vale. Na sua alma não existem a lisura, a lealdade e a altivez; todos estes nobres sentimentos que dignificam a raça humana estão infelizmente substituidos pela gaveta, pelo interesse, pelo lucro, enfim, pela ganancia e pela avareza. Compromisso tomado e assignado é compromisso rasgado:—haja em vista o dos chapeleiros, que tão larga publicidade teve em todo o paiz.

Este procedimento tão indigno que nos humilha e avilta perante todo o mundo, indignou com inteira razão os commerciantes dignos d'este nome, que envergonhados e vexados reclamam a lei do descanso dominical como a mais seria garantia para todos e como correctivo a desavergonhados que assignam compromissos que desmancham com a maior semcerimonia, sem o menor respeito por si proprios pela dignidade alheia.

Segundo a lenda christã Judas vendeu Christo por trinta dinheiros; os judas de agora, não podendo negociar outro Christo, vendem, a troco d'uns miseros cobres apurados ao domingo, não a dignidade propria, porque a não possuem, mas a dignidade e o decoro da honrada classe commercial. A lei será a figueira onde estes degenerados filhos do commercio expiarão o seu vil e infame procedimento.

Em breve a GRANDE COMISSÃO DELEGADA DAS ASSOCIAÇÕES COMMERCIAES vae reclamar do governo a promulgação de tal lei, que o prestigio do commercio e as

tradições liberaes d'esta cidade exigem; nós, caixeiros, ofendidos e affrontados tambem nos nossos direitos, devemos mostrar e provar que assim como sabemos promover festas, excursões e congressos, tambem estamos dispostos, se a tanto as circunstancias nos forcarem, a apoiar na praça publica as reclamações d'esta importante e digna commissão para que o triumpho da Justiça, do Direito e da Liberdade seja absoluto e completo.»

(De A Luz do Commercio),

«O commercio precisa impôr-se pela sua importancia social, e para isso é preciso formar caracteres que se imponham pela sua probidade, honestidade, trabalho e saber, para o que poderosamente deve contribuir a superior orientação do patrão, e com os seus exemplos e direcção se formará o caixeiro portu-guez.

Sendo o commercio uma classe fortemente contribuida pelas exigencias do Estado, lutando com difficuldades, comprehende-se a necessidade que elle tem de aproveitar quaesquer interesses, por insignificantes que pareçam; e portanto, de attender aos prejuizos provaveis que podessem resultar do pedido dos caixeiros, quando satisfeito. Mas taes prejuizos não existem desde que todos, á mesma hora, encerrem os seus estabelecimentos. O publico, sabendo que os estabelecimentos estão fechados a determinadas horas, ou se previne antes ou se reserva para depois. **Não ha prejuizos para ninguém, é simplesmente uma questão de habito.»**

(Da circular enviada pela Associação Commercial de Coimbra aos commerciantes d'aquella cidade).

«Art. 1.º Todos os donos, directores ou gerentes de estabelecimentos commerciaes, de qualquer especie ou natureza, que ao serviço dos mesmos estabelecimentos empreguem caixeiros ou marçanos, são obrigados a conceder-lhes, sob pena de desobediencia á auctoridade, vinte e quatro horas seguidas de folga e de dispensa de trabalho em cada semana.

§ 1.º Durante as mesmas vinte e quatro horas de folga e de dispensa de trabalho, e sob a pena acima referida, serão encerrados todos os estabelecimentos commerciaes de cada localidade. Quando por necessidade publica seja impossivel ou inconveniente encerrar no mesmo dia todos os estabelecimentos commerciaes da mesma natureza, na mesma povoação, serão elles por bairros ou reuniões de freguezias divididos em grupos, para cada um dos quaes o dia do encerramento será differente, devendo essa divisão ser feita de fórma equitativa para todos e commodamente para o publico.

§ 2.º Sempre que as con-

veniencias do publico e do commercio o consintam, serão os dia de folga e de dispensa de trabalho fixados aos domingos.

§ 3.º A fixação dos dias de folga e de dispensa de trabalho, determinação das horas de encerramento dos estabelecimentos commerciaes, bem como a distribuição de estes em grupos para satisfazer o preceito do § 1.º, serão feitos para cada povoação por alvarás dos governadores civis do districto, ouvidas as camaras municipaes respectivas e as associações commerciaes locaes, havendo-as.

§ 4.º O governo fará os regulamentos necessarios para a execução d'esta lei.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões, 16 de abril de 1904—Mariano Cyrillo de Carvalho—Mariano Presado—Carlos Mariano de Carvalho—A. C. Claro da Rica (apresentante).

(Projecto de lei apresentado na camara dos deputados, que foi admittido á discussão e enviado á commissão de legislação civil, transcripto para consolação do sr. Eugenio Real e quejandos que atraçoaram o compromisso das chapelarias).

Ninguém compre ao domingo!

Carta do Porto

Estamos assistindo a uma derrocada geral.

O encerramento das lojas ao domingo, que muito tem custado tanto a caixeiros como a patrões, está ameaçado e talvez perdido.

Por iniciativa dos proprios commerciante fecharam n'esta cidade grande numero de ramos de commercio, dos quaes só um numero muito limitado sustenta a custo o compromisso.

Não ha nada mais indigno e ordinario do que alguém faltar á sua palavra ou a qualquer contracto; no commercio quem deixar de satisfazer os seus compromissos está fallido, está deshonorado. Póde, portanto, ser considerado homem de bem, qualquer garoto ou sendeiro que compromettendo-se a fechar ao domingo, atração este compromisso?

Positivamente que não e a questão está n'este pé; hoje a reclamação da lei pertence mais aos commerciantes do

que aos caixeiros, porque são estes que teem infelizmente por collegas, pulhas tão ordinarios que envergonham e aviltam uma classe até hoje justamente considerada uma das mais briosas e honradas.

A promulgação da lei impõe-se para acabar com canalhices tão repugnantes que só deslustram o commercio; a lei seria uma garantia para os commerciantes honrados contra a deslealdade d'aquelles a quem a lei é applicada como correctivo.

A lei é humana e justa porque vem defender o fraco das exigencias do forte, é liberal e democratica porque vem assegurar um dia de liberdade e descanso a uma classe que só sabe o que é prisão e trabalho.

Não sei se por estas ou outras razões a Commissão Administrativa da União dos Empregados de Commercio, creio que d'accordo com a Commissão do Descanso delegada do Congresso, resolveram formar uma commissão de delegados das associações commerciaes, Club Fenianos etc., para obter do governo a promulgação e regulamentação da lei; é de esperar que devido á importancia da Commissão, onde estão alguns homens dos que fizeram cair as propostas da fazenda, se consiga que a classe commercial não mais seja desprestigiada com factos identicos aos que se estão passando n'esta cidade. São esses os meus mais fervorosos votos.

—Termino desejando a todos, collegas, redactores e leitores, um anno de prosperidades.

21—12—905.

Baptista Junior.

Correspondencias

Povoa de Varzim, 21

Anniversario — Passou no dia 16 do corrente o anniversario do nosso presado amigo e assignante da «Fraternidade» sr. Alvaro Ribeiro Pontes, digno empregado do estabelecimento de fazendas denominado *Paris na Povoa*.

Ao nosso caro amigo Alvaro Pontes enviamos sinceros parabens.

Até ao proximo anno.

Frasco Junior.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex. mo *Sub.*